

Capítulo 1

O trote dos cavalos era abafado pela relva do campo que amortecia o som dos cascos, mas para Rufius o som parecia agourento. A proximidade com a Floresta Velha deixava o ar pesado. Fosse o sono, o medo, o cansaço, ou ainda uma mistura dos três, sentia como se estivesse suspenso entre o mundo real e a Terra dos Sonhos, a caminho do além vida. Cavalgando a frente da fila e guiado por uma fraca luz, via olhos à espreita na escuridão em qualquer direção que olhasse. No entanto seu temor não era infundado, estavam na borda da fronteira com a Floresta Velha, ela que quase como um reino a parte delimitava como uma zona neutra as terras de Caer Pentagron e Felicina. A Floresta não gostava dos humanos, mas ao que parece os elfos conheciam um caminho seguro pelos lodos, raízes e área movediça, e principalmente, evitando os corrompidos. Permitir que Segunda Chama fosse fundada tão próximo da floresta e tão distante de Pentagron não foi uma decisão coerente mesmo diante das circunstâncias. O rei não costuma compartilhar seus pensamentos com muitos, mas a corte é um farfalhar de sussurros, sussurros que chegavam nas damas e lordes, e se chegava neles, logo aias e serviçais também escutariam em suas tarefas diárias invisíveis aos olhos de seus senhores, e se eles escutavam, não demorava muito para alcançar os refeitórios. Keilan precisava ganhar rápido a confiança dos anorins, e precisava ceder se quisesse ter seu número crescendo rapidamente. Queria imitar o feito de Vlades, mas até certo ponto, pois acreditava que apesar de sua incursão vitoriosa contra os elfos, ele descartou o poder dos anorins cedo demais, para Keilan o Expurgo foi um dos poucos erros do Grande Rei. Porém, ganhar novamente a confiança dos anorins exigiu uma grande dose de tato e aceitar uma série de demandas. O líder da Segunda Chama descendia de um grande senhor dos anorins, encontrá-lo foi a primeira tarefa de Keilan, depois convencê-lo a restaurar seu povo e lhes garantir um lugar seguro no mundo não foi tão difícil, mas eles não teriam esquecido o Expurgo tão facilmente. Mesmo com o pedido de perdão do rei, residir dentro de seus muros era um erro que ele não pretendia cometer novamente. Assim o rei cedeu uma terra para eles, direito de estabelecer suas próprias leis e costumes, e em troca juraram vassalagem ao suserano das terras. A tarefa que Keilan se propôs era incerta quanto ao resultado, os anorins eram poucos agora, e muitos não iriam atender ao chamado, diferentes dos elfos sua aparência era igual a dos humanos, podiam se esconder entre eles por toda a existência, e o mundo os havia ensinado que essa era a melhor decisão. Mas o Sábio havia tirado todas as dúvidas do rei, o sangue clama dizia ele, diferente dos elfos a magia deles precisava fluir ou eles definhavam. Mesmo assim no início tudo parecia estar indo bem, muitos chegaram e se estabeleceram ali. Vinhos, hidromel e cervejas enviadas frequentemente de Pentagron, mais um ambiente tranquilo e pacífico encheu a vila do choro de crianças. E assim quinze anos se passaram desde a fundação de Segunda Chama. Mas então tudo mudou quando camponeses e viajantes começaram a relatar a aparição de elfos, sozinhos ou em pequenos grupos. Eles não costumavam transitar com tanta frequência nas terras livres, menos ainda em grupos, a relação delicada que mantinham com os humanos não podia ser arriscada com movimentações suspeitas, só haveria um motivo para eles não se preocuparem com uma possível leitura hostil de toda aquela movimentação, e seria porque de fato era. E pelos relatos eles transitavam entre vilas pequenas o que só podia significar que estavam procurando a Segunda Chama, provavelmente só não a tinham encontrado ainda pois suas buscas haviam ocorrido perto de Pentagron. Ao que tudo indicava eles também não estavam dispostos a cometerem o mesmo erro duas vezes. Para expressar o quão importante era a tarefa, o rei estava enviando para convencer Segunda Chama a se mudarem para mais próximo, ninguém

menos do que o seu Sábio. E como tal ele não poderia marchar pelo reino para completar tal tarefa na companhia de um mero capitão, então o rei lhe cedeu um de seus comandantes e mais setenta homens.

Rufius sabia que era seu dever preocupar-se, mas, mais de uma vez se imaginou em uma situação mais favorável, ou menos incerta. Atravessando a Floresta Velha aos poucos, muitos elfos surgiram ao longo dos últimos meses, era incerto saber o número deles agora, o que significava que eles podiam ter o suficiente para emboscá-los. Mesmos assim o Sábio se recusou a parar essa noite, uma vez que estavam tão perto do destino. Sendo tão ágeis e com uma visão noturna melhor do que a dos humanos fazia com que Rufius se sentisse completamente exposto. Mais uma vez precisou limpar a mente de seus temores e lembrar que era o chefe da guarda responsável por levar o Sábio Heitor até Segunda Chama. A palavra Sábio ainda lhe trazia um sorriso de desdém aos lábios. Engraçado imaginar que na tentativa de se desvencilhar das velhas amarras élficas algumas de suas tradições ainda resistiam entre os Reinos Livres. Um cavalo se aproximou dele pela esquerda, era o Sábio.

- Quanto falta para chegarmos lá? – falou no seu tom ríspido de sempre. Heitor era um homem impaciente, e seu favorecimento na corte do rei o deixava consciente demais de sua posição frente a outros. Era inútil lembrá-lo da recomendação de não conversar no trajeto, pois poderia dar a posição deles. Em vez disso decidiu dar logo a informação e com sorte o homem voltaria para o seu lugar na fila.

- Estamos próximos.

- Você disse isso da última vez, temo que sua imprecisão seja um indício de que não tenha a menor ideia de onde estamos, devo presumir que estamos perdidos – falou em tom cortante.

- Não estamos perdidos, mas viajar durante a noite não nos permite enxergar corretamente as marcações do terreno que indicam em que parte estamos, algo que não precisaríamos passar se estivéssemos viajando de dia, Sábio.

Tomou o cuidado de acrescentar seu título ao final da fala, mas soube que deveria ter evitado falar a última parte. Sentiu os olhos do homem o perfurarem, lutou contra a vontade de não o encarar, mas essa teria sido uma decisão ruim. Rufius era um comandante de centenas, mesmo assim tinha que tomar cuidado no trato com Heitor, cair no desagrado do Sábio poderia trazer consequências. A cada dia ele cresce no conceito do rei, e já é visto como peça fundamental dos seus planos. Indispensável e insubstituível, leve-o e o traga de volta em segurança, lhe disse o rei. Ao que tudo indicava o rei não queria deixar que o Sábio partisse, só depois de muita insistência e de garantir que apenas ele poderia convencer os anorins a se mudarem é que o rei deu permissão. Ninguém poderia fazer o que o Sábio fazia para o reino, embora ninguém soubesse ao certo o que era. Já Rufius poderia ser facilmente substituído por um de seus capitães. Agora tinha que renunciar seu orgulho e como uma criança que desrespeitou o pai voltar sua atenção para o rosto zangado de Heitor e de cabeça baixa receber todo o seu desagrado. A fraca luz que mantinha do lampião não melhorava a visão que tinha de Heitor, com a pele sugada nos ossos e um rosto ossudo, sua aparência era quase cadavérica, mãos igualmente ossudas seguravam com firmeza as rédeas da égua que montava e a dança das luzes em sua face lhe conferia um tom fantasmagórico. Ao longo dos dias juntos sua aparência sempre lhe trazia a lembrança de uma ave de rapina carniceira, agora com as sombras da noite dançando em seu rosto ele parecia a própria morte. Segurou o olhar em seu rosto e viu seus lábios finos se contraírem e ele os teria aberto para falar algo desagradável,

mas um som a frente os fez olhar ao mesmo tempo para um ponto luminoso se aproximando em meio as sombras que as arvores projetavam. Rufius fez a marcha parar enquanto a luz se aproximava, não demorou muito para a silhueta de cavalo e cavaleiro surgir a poucos metros. Era o batedor que ele havia enviado na frente para ver como a vila estava e alertar o líder sobre a chegada deles. O soldado se aproximou com uma expressão de alívio, mas antes de reconhecer seu comandante Rufius notou outra expressão. Medo? Algo estava errado.

- E então? – Heitor se adiantou sem muito rodeio.

O cavaleiro olhava com uma expressão confusa alternando entre ele e Heitor, provavelmente indeciso quanto a quem se reportar sabendo que a escolha errada iria resultar em uma bronca da parte ofendida. Heitor se agitou impaciente no cavalo e Rufius decidiu acabar com o sofrimento do rapaz.

- Você escutou soldado, fale, não temos a noite inteira.

Ele se voltou para Heitor.

- Se-senhor.....Sábio.....a vila está toda destruída! Fogo. Quase extinguido em boa parte das casas, mas algumas ainda queimam.

- E os anorins? – perguntou Heitor alarmado.

- Não me aproximei muito, não sabia se os elfos ainda estavam por perto, mas não vi movimento, nada, não havia ninguém.

- Pelos deuses – foi tudo o que Rufius conseguiu dizer.

Com uma rapidez e agilidade que surpreendeu Rufius e o soldado, Heitor tomou a lanterna do soldado e disparou com sua égua.

- Em marcha! – gritou Rufius e disparou atrás dele.

A luz da lanterna iluminava pouco o caminho a frente. A galope, sua preocupação era o animal tropeçar no terreno irregular lançando-o ao chão, mas não podia deixar o Sábio sozinho, tinha que confiar nos instintos do animal. Tudo era sombra, mas a lua lançava uma fraca luz envolta em nuvens, o ponto luminoso de Heitor sumiu por detrás de uma grande elevação, uma colina. Assim que a estrada saiu da curva que contornava a colina, Rufius pôde ver as chamas, o céu escuro era tingido de vermelho e laranja e as fumaças sumiam na escuridão. Heitor estava parado na entrada, as casas nas áreas externas da vila ainda queimavam, mas conseguiu notar que mais para o centro o fogo já havia se extinguido deixando apenas madeiras enegrecidas.

- Sábio! – gritou enquanto se aproximava.

Não havia sinais de que alguém estivesse ali, e o único som que chegava neles era o das chamas devorando as casas. Rufius escutou aliviado a aproximação da cavalaria, e por um momento se permitiu ficar mais tranquilo. Lutava com o impulso de gritar com Heitor tamanha havia sido sua imprudência. Mas algo lhe disse que ainda que tivesse coragem para tal, ele não o ouviria. No momento ele olhava para o fogo com uma expressão de espanto e incredulidade.

- Isso não é possível...não pode ser....isso é....isso é.....um desastre. Não, não, não...Não!

Ele esporeou a égua e entrou na vila, a égua havia sido treinada para a batalha então as chamas e o calor pouco afetaram seu ânimo, ela seguia lentamente, mas era constante no seu trote, Rufius seguiu logo atrás. Quando chegaram no centro notaram que em toda a parte sul da vila o fogo já havia destruído todas as casas e agora restavam apenas o crepitar das madeiras ainda aquecidas. O vento deve ter alastrado e alimentando de forma mais intensa o fogo naquela direção, ou seja, levou mais tempo para alcançar o lado norte. Teria alguém conseguido escapar daquilo? Não tinha ninguém por perto tal como o soldado havia relatado. Seus olhos treinados na batalha notaram sinais de lutas em alguns pontos, sangue, amontoado de pegadas de diferentes tamanhos, algumas armas, mas estranhamente, nenhum corpo.

- Houve luta – disse mais para si mesmo, mas o Sábio olhou para ele com espanto como se apenas agora tivesse notado sua presença.

- Não a corpos.

- Eu sei, também achei isso estranho, mas não estou enganado, houve luta aqui.

Heitor que até aquele momento parecia estar em alguma espécie de transe, parecia estar voltando a si.

- Mande seus homens vasculharem a área, teve ter algo que nos de uma pista de para onde os anorins foram.

Rufius desmontou e chamou alguns de seus homens e lhes instruiu a vasculhar a vila em busca de algum sinal dos anorins, ou dos elfos. O resto deveria estar a postos e prontos para o inimigo se ele surgisse.

As buscas mal haviam começado e de repente um grito sobressaltou a todos.

- Inimigo!

Rufius olhou para a direção de onde tinha escutado o alerta a tempo de ver um elfo mago erguendo seu cajado em direção a um dos soldados, mas ele não viu um segundo soldado saindo de trás dos escombros de uma casa, ele gritou enquanto erguia a espada para desferir o golpe o que acabou alertando o elfo e fazendo com ele virasse em sua direção, mas o soldado estava perto demais, a espada se chocou contra o cajado tirando ele da mão do elfo antes que ele conseguisse conjurar qualquer magia. O elfo cambaleou para trás e caiu no chão, levantou os olhos notando toda a cavalaria a sua frente com um misto de espanto, mas depois sua expressão mudou para determinação. Ele ergueu a mão e fagulhas de chamas começaram a saltar, primeiro como faíscas produzidas por um ferreiro trabalhando o metal, depois cada vez mais rápidas e maiores.

- Detenham ele! – gritou Heitor.

O soldado mais próximo do elfo ergueu a espada indo em sua direção.

- Vivo seu idiota! – gritou novamente Heitor

- Não! Se afastem dele! – gritou Rufius correndo na direção dos soldados.

O soldado mais próximo do elfo hesitou entre as ordens de Rufius e do Heitor, mas quando decidiu pela ordem de Heitor já era tarde, uma esfera de chamas os envolveu, o elfo deu um grito aterrorador, um misto de fúria e júbilo, e então veio o clarão, depois uma onda de choque quente como uma fornalha acertou Rufius o lançando para trás por metros. Pareceu

ter passado tempo demais entre seus pés saírem do chão e suas costas baterem com força na terra. A pancada tirou todo o fôlego de seus pulmões, e enquanto lutava para sugar o ar para dentro novamente sentiu uma pontada, tinha certeza de que tinha quebrado algumas costelas. Abriu os olhos, mas sua visão estava embaçada, no ouvido um zunido abafava os sons de grito e o relinchar de cavalos. Em algum lugar distante pode distinguir a voz de Heitor gritando algo que ele não conseguia entender. Ficou deitado por um tempo, enquanto vozes se aproximavam gritando. Alguém tentou movê-lo, mas a dor fez com que ele afastasse a pessoa.

- Me deixem. Só preciso....de um tempo.

Lentamente seus olhos voltaram a ganhar foco e os sons a sua volta eram mais audíveis.

- Seus idiotas – gritava Heitor – precisava dele vivo, morto ele não pode dizer para onde eles levaram os anorins. Idiotas incompetentes, eu os amaldiçoo, e o ventre que lhes deu a vida. Eu os amaldiçoo!

- Me ajudem a levantar – pediu Rufius para seus homens.

A dor que sentiu nesse simples movimento lhe deu a certeza de que realmente tinha quebrado algumas costelas. Heitor andava de um lado para outro proferindo maldições e acuando qualquer um que cruzasse seu caminho. Seu manto sujo de terra e cinzas indicava que ele havia caído da égua na onda de choque da explosão, mas para a decepção de Rufius, apenas suas vestimentas não haviam saído ilesas da queda. Assim que Heitor colocou os olhos nele veio em sua direção com o dedo ossudo mirando seu rosto.

- E você, teria sido melhor que a explosão o tivesse levado para a Terra dos Sonhos. Melhor seria que não tivesse se levantado nunca mais. Vai desejar estar morto quando o rei souber do desastre que aconteceu aqui. E não se engane ele saberá, a sim, ele saberá, assim como de quem foi a culpa.

Ele esbravejava e cuspiam insultos em sua direção, mas o descontentamento do Sábio era a menor de suas preocupações no momento.

- Mais algum inimigo foi avistado? – perguntou para o soldado que estava apoiado.

- Não senhor, não encontramos mais nenhum. E creio que se houvesse mais deles por perto a explosão os teria alertado da nossa presença. Se eles tinham número suficiente para fazer isso com a vila – disse olhando em volta – e não uma vila qualquer, mas uma cheia de anorins. Eles teriam vindo em nossa direção. Isso só pode significar que eles não estão mais por perto.

Rufius tinha o mesmo pensamento.

- O que nos leva a próxima pergunta, o que o mago fazia aqui sozinho depois que todos partiram?

Nesse momento Heitor parou a gritaria e Rufius pode ver as engrenagens em sua cabeça funcionando. O homem era detestável, mas tinha que admitir, não havia conquistado seu título apenas bajulando o rei, sim ele é inteligente, além de astuto e perspicaz. Talvez não tivesse dado muito atenção durante seu acesso de fúria, mas com certeza chegaria a mesma conclusão de que o mago que acabaram de enfrentar não era experiente, foi lento demais na ação contra os dois soldados. A maioria dos elfos parecem mais jovens do que realmente são,

mas havia algo realmente juvenil naquele, em seus olhos e postura. Se ninguém veio após a explosão, então não havia mais ninguém por perto, e se fosse para deixar alguém para vigiar a retaguarda não teriam deixado um tão inexperiente. Elfos não costumam ser insubordinados, então ele não teria ficado para trás por conta, sua presença aqui tinha um objetivo, a questão é qual seria esse objetivo?

De repente o rosto de Heitor se iluminou com alguma descoberta, e então abruptamente seu furor desapareceu dando lugar a uma emergência que por algum motivo, ele não quis compartilhar com ninguém e se afastou vasculhando o chão nos arredores. Rufius tentou imaginar a que conclusão o Sábio havia chegado, mas no momento tinha que conseguir o máximo de informação daquele lugar, ir na busca dos anorins, se fosse possível, e levar Heitor de volta em segurança a qualquer custo. Chamou alguns soldados e lhes deu ordem para guardarem o Sábio, mas que lhe dessem espaço e não o atrapalhassem no que quer que estivesse fazendo.

Rufius deixou o apoio do soldado e se aproximou do círculo chamuscado onde havia ocorrido a explosão, por sorte havia poucos por perto. No lugar onde o mago tinha estado havia apenas uma mancha escura no solo, assim como na posição dos dois soldados mais próximos, as espadas deles assim como outras partes de metal que carregavam eram gotas incandescentes, a casa logo atrás da posição do mago, provavelmente de onde tinha saído, também tinha sumido. Rufius encontrou outras três manchas escuras de soldados pegos dentro da esfera. Não havia nada mais ali, qualquer outra coisa que o mago tinha consigo havia sido obliterada junto com o resto. Sendo um elfo jovem como suspeitava, se ele tivesse tempo para segurar mais um pouco provavelmente ninguém ali teria sobrevivido. Talvez Heitor tivesse razão, deviam ter detido ele quando tiveram a chance.

Analisando a situação começou a pensar que talvez a melhor coisa a se fazer era enviar Heitor de volta com alguns homens e seguir o rastro dos elfos, pois eles até podiam ser bons em ocultá-los, mas não teriam levado uma vila toda sem deixar rastros, eles só precisavam encontrar. Agora só tinha que convencer o Heitor a aceitar essa decisão. O rei não teve sucesso em dissuadi-lo e precisava dos anorins tanto quanto do Sábio, mas encontrar elfos era só uma possibilidade remota quando deixaram Pentagron. No trajeto, viajantes e as vilas que passaram transformaram a hipótese em certeza. Agora o perigo era real. Procurou Heitor e o encontrou abaixado revirando algo na terra, começou a ensaiar mentalmente o que e como diria para convencê-lo a voltar, mas mal começou a falar e um soldado chamou seu nome. Virou para notar um soldado com expressão sombria no rosto se aproximando.

- Senhor, encontramos algo.

Heitor se aproximou deles.

O soldado olhou para outro que provavelmente estava com ele na descoberta, e ele balançou a cabeça negativamente.

- Pelos deuses, digam logo – disse Heitor já sem paciência.

- É melhor vocês verem.

O soldado não esperou uma resposta, virou e começou a seguir por uma rua que levava para o sul. Após a última casa havia uma construção quase toda destruída, mas parte do telhado havia resistido e Rufius notou se tratar de um casarão, do tipo que costumava ser usado para curtir couro e pele. Um cheiro estranho e familiar subia da fumaça que vinha do

casarão. Andava com dificuldade por conta dos ferimentos então Heitor chegou primeiro no que os soldados queriam mostrar. E então ele ficou rígido. Rufius fez um esforço para andar mais rápido e ver logo o que estava ali. Levou apenas um instante para entender a cena que estava diante de seus olhos. Estatuas de carvão se empoleiravam umas sobre as outras, estavam deitadas, pernas e braços estendidos, empilhadas com saco de batata, mas isso era só com as estatuas maiores, havia outras menores, mas essas estavam em sua maioria sentadas, umas cobrindo o rosto, outras com os braços em volta das pernas escondendo o rosto nos joelhos, gritando, se abraçando. Rufius olhou para Heitor, estava com os punhos serrados e os olhos faiscavam de ódio.

- Está tudo acabado.

Ele deu as costas e voltou seguiu em direção ao centro da vila, Rufius ainda ficou ali parado sentindo um gosto amargo na boca. Um dos soldados se aproximou dele.

- O que faremos sobre isso senhor?

- O que há para fazer? – Rufius olhou para trás vendo Heitor se afastando com os homens que tinha designado para sua proteção e depois voltou seus olhos para um ponto onde duas estatuas se abraçavam protegendo uma a outra – é como disse o Sábio, está tudo acabado.